



## A EDUCAÇÃO DO CORPO PRODUZIDA PELA REVISTA BOA FORMA

Ana Carla Dias Carvalho <sup>1</sup>

Inicialmente a Revista Boa Forma foi pensada apenas como uma das fontes do estudo, pois ela poderia ilustrar o tipo de pensamento em voga a respeito da expectativa de corpo na contemporaneidade no campo da educação não formal. Conforme as revistas foram lidas e relidas com o olhar da pesquisa, pôde-se precisar que ali se encontrava um objeto de estudo importante, pois a expectativa de construção do corpo presente naquele produto requeria muitas frentes de estudos. Sabe-se que o cultivo e a educação do corpo estão presentes em várias instâncias da vida social. Neste sentido, buscou-se perscrutar se a educação do corpo produzida pela moral proposta pela Revista Boa Forma pode representar uma alegoria da sociedade atual.

Dentre as discussões acerca do corpo desenvolvidas que compõem o argumento da tese abordou-se a relação entre o corpo e a racionalidade pensada a partir de Theodor Adorno e Max Horkheimer, por meio da obra *Dialética do Esclarecimento*, a qual discorre sobre o entrelaçamento entre o mito e o esclarecimento na constituição dos sujeitos. Para isso, demos especial atenção a disciplina do corpo, ou o domínio da natureza externa e interna, desenvolvida pelos autores, particularmente, com base no personagem da Antiguidade clássica Ulisses e, na moral de Juliette, personagem de Sade. Considerando que a dialética *fatal* da constituição do sujeito esclarecido se deu através do estabelecimento de sua “autonomia” e de sua “identidade” por meio da renúncia a sua natureza em prol da autopreservação, o que acabou se transformando em barbárie. Ou seja, a racionalidade imperante compromete o que há de mais íntimo (inconsciente) e isso desemboca no corpo na forma de sintomas (novos mitos) dos mais variados.

Uma imagem emblemática para se pensar a subjugação do corpo, são os *cueiros* que Jean J. Rousseau criticou na obra *Emílio*, os quais *apertavam e moldavam* o corpo das crianças no intuito de já na infância criar o disciplinamento corporal via imobilidade.

Também a metáfora do “gorila amestrado”, criada por Taylor, para denominar os “novos” trabalhadores da indústria americana, segundo a qual o corpo do trabalhador deveria pautar-se no desenvolvimento de comportamentos maquinais e automáticos expressa em outra fase da vida e em outro tempo histórico a mecanização e disciplinamento do corpo para o mundo do trabalho.

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGGE da Universidade Metodista de Piracicaba -UNIMEP; e professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás - UFG, Campus Catalão.



A ginástica, em sua constituição histórico-cultural, enquanto prática corporal sistematizada tem produzido um tipo de educação do corpo ao longo da civilização ocidental e tem sido essencial na composição e na administração do corpo na atualidade; permeada por condicionantes ideológicos, políticos e sociais objetivando promover intervenções no corpo em diferentes contextos, constituindo-se assim, como parte expressiva do nosso repertório cultural permeado de condutas coercitivas e disciplinadoras.

Esta sujeição, que produz *marcas* no corpo dos indivíduos presente nas metáforas do Ulisses (protótipo do indivíduo burguês), na moral de Juliette, personagem de Sade, nos *cueiros* do *Emílio* de Rousseau, no “gorila amestrado” de Taylor e na ginástica representam o necessário domínio da natureza em prol dos interesses da produção revelando a “mecanização” do corpo em diferentes “contextos”. Assim, de certo modo, esses mecanismos coercitivos desenharam um *rastró* da “educação do corpo” que se insere, e na qual se cria de algum modo a *moral produzida pela Revista Boa Forma* a partir dos investimentos no corpo como sintomas do capitalismo atual.

A centralidade do corpo no contexto da educação não formal na sociedade administrada é algo *inquestionável*. A globalização e a indústria cultural, no capitalismo fluído e flexível, submetem, subjagam o corpo ao *status* de coisa, gerando o capital-corpo mediante uma experiência formativa danificada em que se destacam os estados de violência. No mundo administrado pôde ser identificada uma reconfiguração desses sistemas coercitivos presentes nos *cueiros*, no gorila amestrado e na ginástica. Hoje é produzida uma subjetividade demarcada pelos contornos da globalização e pela indústria cultural bastante diferente daquela do capitalismo monopolista.

Cada fase do capitalismo tem uma ética apropriada para lidar com o corpo de acordo com as novas exigências. Para o capitalismo industrial, que necessitava do consumo em massa, o corpo precisava ser conservado, tanto para produzir quanto para consumir. No capitalismo pós-industrial, em decorrência do avanço tecnológico, a acumulação do capital deixa de exigir a inclusão no mercado de trabalho e o desemprego se torna estrutural.

O corpo se torna um objeto de consumo (também de si), uma mercadoria que produz satisfação e conformação, pois, hoje, predomina a ética que valoriza a satisfação imediata dos desejos e, para isso, a indústria cultural apresenta como forma de intervenção uma padronização do corpo, com uma retórica engendrada no respeito a diversidade. No entanto, o corpo deve ser visto como algo a ser configurado e re-configurado conforme as últimas tendências do mercado podendo compor vários tipos, efêmeros e fungíveis. Têm-se no *gozo* e na *fruição* imperativos morais que podem ser de realização por meio do corpo.



O modo e o valor que o corpo assume na sociedade contemporânea, por meio de vários investimentos na subjetividade, contribuem para a configuração de práticas estéticas de vários gostos e para os vários bolsos, através da disciplina corporal, mas em nome de uma beleza dita ideal. Todavia, pelo fato de serem muito aceitas socialmente, essas práticas estéticas não são questionadas, tampouco, os sacrifícios infligidos ao corpo para alcançá-las. Ao contrário, atuam como uma espécie de moral inquestionável. Tais questões mostram como a educação do corpo tem se realizado mediante práticas de caráter ideológico e disciplinar que se configuram na atual organização do mundo administrado.

No que tange ao procedimento teórico-metodológico nos interessou verificar os princípios da moral dirigida à construção do corpo feminino, neste sentido, o objetivo principal desta parte do estudo é desenvolver a análise dos indícios do tipo de educação do corpo proposta pela Revista Boa Forma. Para isso, procurou-se compor uma tipologia acerca do conjunto de técnicas e investimentos dirigidos ao corpo através do conceito de “boa forma”, conforme as inferências da revista.

#### *O Corpo em “Boa Forma” segundo a Revista*

Segundo a reportagem da “garota da capa”: “Cláudia é avó! Dá para acreditar?... aos 46 ela exibe a mesma graça e energia que aos 25 e aos 31 anos, quando foi capa da Boa Forma. As poucas mudanças foram para melhor.” (BF, Março, 2009, p. 52). Os ângulos das fotos favorecem as partes dos corpo que definem esta performance, são eles: os seios, o abdômen e os glúteos.

Outra expressão utilizada na revista e em todo esse universo que merecer ser melhor analisada é o adjetivo *sarar*, que resgata a ideia de restituição da saúde, de cura e recuperação de um enfermo. Dessa forma, o adjetivo supersarada refere-se à uma saúde além do trivial e curiosamente ligada a uma *performance* estética. O superlativo presente no termo reivindica o espírito de uma sociedade que materializa-se no “mais” e transforma o corpo num fetiche de tal modo, que se torna um definidor de subjetividade. Ocorre na verdade um elogio ao conjunto de técnicas impingidas ao corpo, independentemente dos sacrifícios que podem ter feito parte do processo que se apresenta como produto final, como diria Vladimir Safatle (2009) um corpo reconfigurável.

Há outras expressões que merecem atenção: “7 Passos para *detonar* até 6 kg em 1 mês![...] Sabrina Sato mostra sua aula – seca gordura [...] *chapa* a barriga; modela o bumbum... Seios *turbinados* você quer?” (BF, setembro, 2008). Mais uma expressão militar, que lembra a guerra: *detonar*, que significa explodir, ou destruir por meio de explosão numa ação muito rápida e eficaz.



E outro termo diretamente relacionado à educação: aula. Já a expressão “seca gordura” num primeiro momento parece não trazer nenhum dado novo. Mas o verbo secar, além do sentido esperado, “normal” para o assunto, de “enxugar, esgotar, murchar”, também tem o sentido, quando atribuído a uma pessoa do discurso, de definhando, acabar (...) O que pode se depreender dessa análise é “quem fala, se fala” inconscientemente, então, esse discurso subliminarmente promove o definhamento dos corpos e mentes, sim, porque “mente depende da matéria física, do corpo. “Chapar”, dar forma de chapa, lamina além do óbvio que é afinar, lembra paradoxalmente a maleabilidade, a possibilidade de dar forma a um elemento, como se não fosse vivo, e o enrijecimento, como fica o corpo morto. Ora essa expressão corresponde a outra muito usada: barriga tanquinho (lembra tanque de guerra). E de onde vem o termo “turbinar”? Turbinar sugere dar forma de pião ou concha cuja espiral forma um cone pouco alongado e pouco largo na base, o mesmo que *corneto* ou corneta, instrumento tanto faz, o que interessa é a forma: invertida lembra um seio rijo e cheio. A turbina, peça mecânica, capta e produz energia, por isso turbinar o corpo ou parte dele significa realçá-lo, dar-lhe força, potência estética segundo o padrão vigente.

As metáforas: “desenhar a barriga” e “modelar o bumbum”, como muitas outras que podem ser encontradas na revista, apelam para normatizar uma linguagem instrumental acerca do corpo com especial importância para as *formas*, representadas primeiro na imaginação. E essas formas são perseguidas e passam a perseguir todas as pessoas, independentemente do fato de poderem ser alcançadas ou não e de quanto sacrifício custarão. As pessoas as perseguem tanto em si mesmas quanto no outro, e constitui-se o império da aparência, mas de uma aparência que não se reporta a outros valores, a não ser o belo conforme as normas de o consumo de bens e serviços. Beleza não é mais dom, é produto que pode ser – e deve – adquirido.

O discurso da revista conta com a notoriedade das celebridades e assume uma função mediadora entre as leitoras e as celebridades (atrizes, cantoras e atletas) principalmente quando estão no auge da sua forma física e do seu sucesso com as quais, em geral, as leitoras se identificam. As celebridades tornam-se referências a serem seguidas e suas intimidades são exploradas a fim de que os “simples mortais” possam seguir seus “bons” exemplos de vida. Em virtude disso, os corpos das garotas da capa traduzem uma mensagem de que a “boa forma” é garantia de sucesso. As leitoras, além de consumirem o ideário de corpo da revista, consomem também o conjunto de produtos veiculados a ela que estão ligados ao constructo de corpo montado pelas “garotas da capa”.



A Revista Boa Forma fornece possibilidades de investimento no corpo que vão de técnicas a programas de exercícios, dietas, fármacos, produtos estéticos etc., necessários a fim de se atingir a “boa forma”. Ao se folhear a revista, edição após edição, percebemos os modelos de corpos ajustados à norma imperante de beleza que constitui uma espécie de pedagogia proposta pela revista. A magreza emoldurada por alguns grupos de músculos definidos tidos como “principais” ingredientes da beleza, além da retidão, compõe o conjunto da obra. Os “modelos de corpos” apresentados pelas celebridades resumem a expectativa de “boa forma”.

As celebridades e seus corpos-modelos são as “malhadoras exemplares”, cercadas por seus programas de treinamento e dietas que prometem um resultado ótimo a todas que os seguirem. Na mesma direção, as chamadas das reportagens não são expressões à toa; por exemplo, “corpo em forma”, que sugere comandos militares; nesse caso configura-se uma guerra explícita e castigos às respostas que não se adequam à voz de comando, à disciplina e à hierarquia preconizadas para se obter e defender a expectativa de corpo, saudável e belo. Neste sentido, essa moral da “boa forma” atua no sentido de reviver continuamente a promessa do alcance de uma felicidade mediada pelo corpo perfeito. No entanto, essa promessa nunca se cumpre no mito de *Tântalo*, que pagou um alto preço por ter furtado os manjares dos deuses para entregá-los aos homens: quando tinha sede e se aproximava da água, ela se afastava; quando tinha fome e se aproximava das árvores, seus frutos eram negados, os ramos imediatamente encolhiam.

Assim a “boa forma” se torna uma promessa nunca cumprida, pois, todo mês a revista chega às bancas, reedita mensalmente a promessa. Cria a necessidade, cria o produto que pode satisfazê-la e aproxima-o das pessoas, mas como um castigo constante por uma culpa que não devem, a não ser a de se deixarem iludir, as pessoas não conseguem obter o que parece tão necessário e tão próximo.

Na civilização, o programa de esclarecimento do homem que previu o “desencantamento do mundo”, objetivou “livrar” os homens do medo, especialmente, o sujeito contemporâneo, para se constituir, precisa se livrar dos “medos”: da flacidez, da depressão, da não aceitação social; precisa portanto, para “resolução” de suas frustrações imediatas ligadas a essas insatisfações, de “ajudas” externas.

Neste sentido, é que entra em cena a revista atuando como uma amiga que sugere uma prescrição mensal de “mais do mesmo”, do “sempre igual” no que diz respeito aos usos e cuidados com o corpo para que homens e mulheres contemporâneos se livrem do “medo” da gordura e da má forma. A figura do herói épico de outrora, “o protótipo do indivíduo burguês”, traduzida no eminente Ulisses, reverbera atualmente na representação “alegórica” do sujeito consumidor da



Revista Boa Forma, que apresenta o caminho para o gozo permitido ao indivíduo contemporâneo que é procurar infligir ao corpo cotidianamente um receituário sadomasoquista de benfeitorias naquele que é projeto. Afinal, por mais que a ciência e a tecnologia invadam a vida, ela ainda encontra-se embreada nos mitos, como Horkheimer e Adorno anteviram.

Na capa e nas suas páginas enuncia-se o imperativo do gozo à medida que suas prescrições levam à felicidade, supostamente uma realização por meio do *shape*. A felicidade está estampada na “boa forma” das celebridades. E, assim, os leitores, ao seguirem o receituário expresso na revista, também podem atingir sua “boa forma” e, conseqüentemente, poderão “gozar a vida” através da sua boa “forma”. A Revista Boa Forma alcança seu lugar máximo no universo de coersão e domínio do corpo substituindo a repressão dos tempos da produção pela via ética do direito ao gozo, mas que só pode ser alcançado pelo consumo e acato da “imagem-norma” da garota da capa que é mercadoria e concomitantemente modelo para os processos de socialização contemporâneos.

As “garotas da capa” representam os “Ulisses” e as “Julietes” “esclarecidos/as” no contemporâneo, afinal todos são excelentes representantes do domínio do corpo e expressam, “exemplarmente”, o pensamento racional em sintonia com o mercado afinal, alcançam a autopreservação sem privação do gozo e do consumo. A revista, com suas “promessas” de felicidade por meio do conteúdo e forma contidos nas chamadas, na imagem-norma emitida pelas “garotas da capa” e na revista como um todo, assume a característica de “fábrica de sonhos”, expressão aplicada por Adorno (2008) aos filmes e à astrologia. Afinal o indivíduo é levado a produzir sonhos já “fabricados” acerca do corpo, mas, a mensagem recorrente é a de que a revista busca satisfazer os desejos das próprias pessoas pois elas precisam/querem resoluções para seus “dramas”.

O caráter de receituário, de manual de autoajuda, a imagem-norma, os modelos bem sucedidos constituem um corpo idealizado configurado num caráter pré-digerido com a aparência de “normalidade” e “aceitação social” que tende a obliterar a separação entre o racional e o irracional, pois apesar de seu conteúdo realista, por vez certificado por profissionais, sugere atitudes irracionais, semelhantes à indústria cultural que tende a extinguir a diferença entre realidade e ficção.

Ao se examinar detidamente a proposta de educação do corpo prevista pelo conjunto de assertivas produzidas pela revista constata-se uma espécie de moral da “boa forma”. Neste sentido é condição para a educação não se apartar das reflexões apresentadas neste estudo pois fazem parte de um processo que implica na formação cultural que reverbera tanto no campo formal como no



campo não formal. Abster-se destas reflexões é aceitar correr o risco de sofrer e se entregar a sedução da indústria cultural e a fetichização do corpo sem qualquer tipo de reação. Toma-se, aqui, emprestada a metáfora de Benjamin que afirma que é preciso que seja puxado o freio de mão para conter a locomotiva irrefreável – ou seja, é necessária a *resistência* a esse “estado de coisas” em que a cultura e particularmente, a educação do corpo, necessariamente se converteu, o que não se faz, mediante o predomínio da barbárie, e sim de uma reflexão crítica acerca do cultivo do corpo com vistas a uma perspectiva de educação do corpo mais humana.

### *Bibliografia*

ADORNO, Theodor, & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos; tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1985. 254p.

\_\_\_\_\_. *As estrelas descem à Terra*: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária. Tradução Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo. Editora Unesp. 2008. 194p.

ALBINO, Beatriz Staimbach. *Corpo, técnica, consumo*: sobre os esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma. Anais. Conbrace. 2007.

BOA FORMA, São Paulo, v. 22 , n.10, outubro/2007.

BOA FORMA, São Paulo, v. 23, n. 7, julho/2008.

BOA FORMA, São Paulo, v. 23, n.8, agosto/2008.

BOA FORMA, São Paulo, v. 23 , n.9, setembro/2008.

BOA FORMA, São Paulo, v. 23, n. 10, outubro/2008.

BOA FORMA, São Paulo, v. 24 , n.1, janeiro/2009.

BOA FORMA, São Paulo, v. 24, n.3, março/2009.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou Da educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo. Martins Fontes. 1995.

SAFATLE, Vladimir. *Um corpo obsoleto*: sobre a relação entre fragilização das identificações e reconstrução contínua do corpo. In: PUCCI, B. et alii (Orgs.) *Experiência Formativa e Emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009, pp.253-272.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2008. 286p.